UMA SOMBRA QUE APARECE

LÁ de quando em quando, para qualquer informação necessária ao meu trabalho, ou para dois dedos de cavaco, procuro, ao fim da tarde, no Museu de Arte Contemporânea, o velho amigo Diogo de Macedo. Azoitava que nem sempre me pode receber logo, ou porque está a atender alguém, ou porque a isso os seus afazeres o impedem. O contínuo que me foi anunciar volta, e, de bonê na mão, informa-me:

— O senhor Director pede a V. Ex.ª o obséquio de aguardar um momento.

Então, sento-me num banco que há em meio da grande sala Columbano, para onde dá a porta do gabinete do meu amigo — sento-me e espero. Através da claraboia coa-se uma luz doce e perturbantemente melancólica, a luz do dia que morre e tão bem se casa com aquela pintura de sombras, de tonalidades entristecidas — castanhos, verdes, cinzentos, aqui e ali um toque de amarelo discreto ou rosa tendente a... uma grande paz silenciosa envolve as coisas, apenas perturbada, de tudo em vez, pelo ranger dos sapatos de algum visitante solitário ou de um cassinho de noivos que

Pelo
MANUEL MENDES

pára em frente dos quadros sem os ver, sonhos apenas presos da luz que de uns olhos, para os outros crescem e se comunica. É uma hora delicadamente triste, que em minha volta cria certa atmosfera sentidamente evocativa. A claridade ténue e o silêncio profundo que ali reinam fazem-me sonhar, acordar recordações antigas, que, muito guiadas o tempo hajo passado, persistem ainda vivas na minha memória.

Eu conheci esta sala. Era aqui o cabeleiro do mestre... Entro, de ânimo, volto a ver as cadeiras, as mesas cobertas de livros e revistas, pastas de desenhos, e o cavalete em que trabalha e o cavalete onde estava sempre o grande Cristo, que de quando em quando voltava a retocar, a acrescentar-lhe uma mancha, levado pela sua insaciedade dore e tristeza. Vejo de novo a sua figura miúda, tímida e insinuante, a barba de chibo ainda só grisalha, apesar da avançada idade, o perfil agudo e sereno, com a cabeça um pouco avançada e o fio da lunete a cair-lhe numa curva que vinha morrer na abertura do colete, sempre branco ao Verão... Vejo-o, como lhe disse a voz pausada e maviosa, risonjeante e tocada de estranha e fina malícia. O olhar não o posso esquecer, tinha distante, turvo pela miopia e pelas lunetas fumadas, mas nosso assim admirável — aquele olhar extraordinário e perscrutador, que tão delicadíssimos tons decendava no que via, e tudo cobria de palavras imponderáveis, discretas e sábias veladuras, que são porventura o milagre da sua bela obra.

A cadeira em que me sentava, era ali, daquele lado... O mestre ia caminhando de uma banda para outra, com o seu passo firme e demorado, passando às vezes por detras de mim, e falava, falava, com a necessária

João Fragoso fez para a Praça de D. João I do Porto estes dois grupos em bronze. O trabalho — apresentado a composição livres ganhou o concurso da Câmara Municipal do Porto. Reparem que nos dois grupos, um objecto mais ao domínio da cavalo, outro do ensino. Atentem-se, ainda, nas boas maneiras proporções, na perfeita integração com o ar livre, no recorte viril do ser humano — a mulherio figura do animal bravio, antes: o animal domesticado, depois. Os trabalhos aqui reproduzidos honram a nossa escultura contemporânea, na qual o nome de João Fragoso, é inegàvelmente, um dos mais destacados

ARTISTAS IGNORADOS QUE FORAM ESCRITORES CÉLEBRES

A Unesco enuncia para o seu número de «Le Courrier» de Agosto, um inquérito especial subordinado ao título — Escritores Célebres, Artistes Ignorados.

Esse número revelará pinturas e desenhos, que o grande público ignora, apesar de eles serem assinados por grandes romancistas, poetas e autores dramáticos. Fizemos, desde já alguns nomes: Valery, Tolstoi, Goethe, Hugo, Kipling, Pushkine, Edgar Poe, Baudelaire, D. H. Lawrence, Charles Ivonne, Thoreau, Musset, Hardy, Carlo Levi, Tagore, Lorca, Andersen, etc.

VISÕES DE UM FILHO DA GLEBA — EMIL NOLDE

O MESTRE DO AZUL DA PRÚSSIA
— A TÉCNICA DAS CORES ESVAÍDAS

Emil Nolde, cuja obra esteve reunida pela primeira vez na grande exposição recentemente realizada pelo Museu de Arte de Hamburgo, figura entre os pintores de maior relevo do movimento expressionista na Alemanha.

Nolde foi parte desse vanguardismo possante de ampla projecção, marcando porém sempre a sua po-

Por
FRANZ ORTHNER

sição de secessionista como um dos magicos nórdicos do grupo de Munch, Hamsun e Strindberg. A sua obra representa antes um acontecimento do que uma escola ou uma meta na evolução da pintura. Foi sem duvida um revolucionário, mas a explosão inicial não foi seguida de uma fase evolutiva bem nitida. Arreigado à sua paisagem rustica e rude, que até então nunca merecera a atenção de um pintor, revoltou-se simultâneamente contra o tradição e a rotina. Filho de lavradores, pescoso, bárbaro e profeta numa só pessoa, Nolde desconfeteia, inquieta e não se deixa integrar numa determinada escola.

Nem os «velhos», nem os «novos» compreendêr e sancionarão a sua obra elementar, tão histórica, formalmente apátrida, mas, abstraindo da época em que foi realizada, muito profunda e solidamente alicerçada. Foi, por isso, uma surpresa significativa que Emil Nolde, falecido no ano passado aos 88 anos, atraiu na Bienal de Veneza a atenção do público internacional. Alguns críticos celebraram Nolde nessa oportunidade como «Van Gogh em azul da Prússia», como «Rembrandt», como autor de quadros semelhantes a toques de clarim. Um crítico francês de alta sensibilidade restringiu esses louvores em face de quadros cuja voz se lhe afigurava mais forte do que a voz humana. E

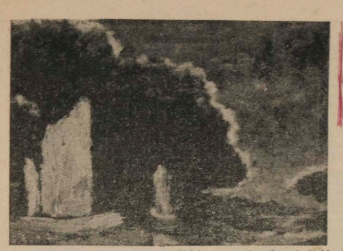
Autoretrato — 1917

nas criações de Munch e Van Gogh. Mas mesmo os críticos mais severos conseguiram descobrir entre os 550 trabalhos de sete decénios — um terço quadros a óleo, outro terço aguarelas (talvez a parte mais feliz da obra) e o último terço gravuras (xilogravuras, águas-fortes, litografias) — motivos de verdadeira admiração.

Poder-se-á dizer que a fonte de energia de Nolde foi o seu amor ao torrão natal, transposto para o âmbito transcendente em visões genuais. Tipicamente alemão, menos expressionista que Rouault e Chagall, talvez ainda mais voluntarioso do que ambos, encontrando-se com eles nos temas religiosos e cristãos. Nolde foi sempre autodidacta, crítico para as academias e os historicistas, entregava obras sem data. Sentia-se dominado pela visão pessoal, sem precedentes, da fisionomia dos homens e das coisas, numa paisagem de herdades esparsas, de terra negra, pesada e ubertima em que cada lavrador se sente rei, enfeudado ao unicamente ao mar que investe contra os diques como as nuvens negras contra os braços dos moinhos gigantescos.

Um postal representando uma caricatura das «Jungfrau» e do «Moench», dois pincaros dos Alpes, rendeu o suficiente para Nolde iniciar os seus estudos. Trabalhos em seguida na sua formação em Munique, Dresde, Paris, na sua terra natal na parte norte de Schleswig, em Copenhague e em Berlim. Empreendeu viagens pela Itália e pela Oerdnia. Das suas digressões pelas paisagens meridionais trouxe em 1904 maior luminosidade nas cores menos carregadas que lembram Bonnard. Na Nova Guiné, em 1913,

alguns visitantes da exposição em Hamburgo assustaram-se diante de alguns quadros de violência lendária, em que a cor dominava a forma com ainda maior vigor do que



Veleiro — um dos óleos de Nolde, datado de 1915

ficou profundamente impressionado com a arte exótica que se reflecte nas suas dançarinas e nos retratos de papuas. No primeiro decénio do nosso século começa simultâneamente o ciclo de temas que mostra sempre de novo o mar enverdeado e revolto sob uma faixa de céu amarelado, ou as ondas encapeladas em azul-turquesa, azul-marinho, roxo acastanhado e cinzento prateado, com horizontes ampios e abertos, vermelhos, afogueados cor de morango e de framboesa e dourados.

A este grupo vem juntar-se o outro, motivo de inúmeras e veementes protestos da Alemanha imperial: «Ceias, «Pentecostes», «Entrenos, outras tantas expressões de uma religiosidade vigorosa que parece ter a sua origem em cavernas pré-históricas.

«Cores na sua vida própria, a chorar e a rir, sonho e felicidade, calidas e sagradas como castiças de amor e erotismo, como cânticos e corais. Evitei meditar primeiro. Bastou-me uma visão vaga em fogo e cor». Confessou Nolde.

Além de narrações bíblicas e da paisagem da sua região, Nolde pintou cenas da vida amorosa e erótica, cenas grotescas, crianças em

(Continua na pág. 22)

UM BAILADO DE PAUL DUKAS

«La Péri» — bailado célebre de Dukas foi novamente trazido à cena na «Opera» com uma coreografia que Diaghilev afirmava ultrapassada em 1920!

Os herdeiros de Paul Dukas — apesar de tudo insistiram na velha miniatura gigante de Piot, com a coreografia clássico-oriental, que Diaghilev criticou.

Jacques Bourgeois por esse motivo, põe o problema: Qual o direito moral dos herdeiros na «reprise» de uma obra de um autor célebre? Não pertencerá a obra, mais do que a eles, aos seus intérpretes?».

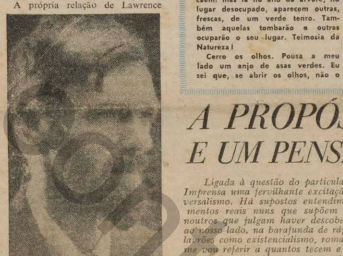
D. H. LAWRENCE, POETA

Por
G. S. FRASER

ESCREVER poemas foi, de certo modo, uma actividade secundária na longa e extraordinariamente fecunda vida de D. H. Lawrence.

Contudo, há quase tantas páginas nos três volumes dos seus poemas completos como em toda a colecção da sua prosa.

A própria relação de Lawrence



Lawrence

com a sua época, lugar e circunstâncias foi excepcional e única. Era um escritor de génio, um inglês muito típico, que passava a maior parte do seu tempo produtivo fora de Inglaterra, porque, vindo do povo, não podia suportar o que lhe parecia ser o fingimento, a pretensão e a habilidade estéril da sociedade literária da alta burguesia inglesa. Abominava o espírito de injustificada superioridade e quando lemos os seus poemas, ficamos surpreendidos por verificar quantas vezes — e sempre com que grande efeito — se comporta ele como um satírico social:

Os Ingleses são tão bonzinhos,
Tão e tão bonzinhos,
são o povo mais bonzinho do mundo.
E, o que é mais, são tão bonzinhos
[por serem bonzinhos!
e por os outros também serem bon-
[zinhos
Mas se os outros não são bonzinhos,
eles depressa furão que os outros o
[sintam...

A sátira é desigual e por vezes parece-nos que provém apenas duns nervos exasperados. Mas fere fundo. Nos poemas *Pansies* e *Nettles*, qualquer leitor atento poderá descobrir as raízes daquilo que os «jovens introdução do seu primeiro volume das Poesias Completas («The Phoenix Editions», Heinemann, Londres).

mas de T. S. Eliot. Comprende-se, portanto, que contemporâneos como Yeats e Eliot, ao mesmo tempo que reconheceram o génio de Lawrence, coitado tinham certa relutância de o reconhecer como um sirmão poeta».

O facto é que todos os escritos de Lawrence, quer em prosa quer em verso, constituem uma espécie de comentário corrente da sua vida. Ele nunca procurou criar uma sobra de arte» que pudesse ter uma existência completamente independente de si próprio. «Parece-me que nenhuma poesia, nem mesmo a de melhor qualidade, pode ser julgada tal como se existisse no absoluto... pois que ela carece da penumbra do seu próprio tempo, lugar e circunstância para se completar», escreveu ele na

A UM POETA

(memorando Manuel Ribeiro de Pavia)

Não reveleis o sonho. A luz do dia
Fere de mais a alma; e, oculta,
A face esquece a sua chaga rubra.

A dor, amordaçando, purifica:
Que ela te dê, no sangue, o novo alento
Para outros voos de que sairás vencido

(Mas entretanto vives...) E procura
Haurir na solidão a graça, o prémio
Daquele instante puro, essencial

A que não chega o vão rumor do tempo
Desfigurado e vil. E, já liberto,
Conhecerás tua verdade inteira

Ouvindo alguém, sem corpo nem memória,
Segredar-te as palavras invisíveis
De que é tecida a Noite, — tua esperança!

LUIS AMARO

NOTA SOBRE O CONCRETISMO

A recente exposição de desenhos concretistas do austro-brasileiro Lothar Charouz, trazida ao S. N. I. pela mão do pintor Waldemar da Costa, deu-nos a primeira notícia de um movimento que, centralizado na Alemanha, vem grangeando as simpatias da América do Sul.

De um ponto para outro da geografia ocidental, as coisas passam-se em salto, por cima do espaço hostil de Paris que tem um poder de «boycotages» sobre tudo aquilo que à sua própria escola não pertença. Ninguém por lá chama, como seria devido, concretista a Vasarely, não conheço bibliografia francesa sobre o assunto, e aquela que estuda o desenvolvimento abstracto, mesmo a mais recente (até o dicionário do Seuphor) minimiza as investigações conduzidas nestes últimos anos pelo suiço Max Bill, em Ulm, numa academia do tipo da «Bauhaus» desfeita pelo hitlerianismo cerca de 1934.

É verdade também que a prodigiosa obra da «Bauhaus» nunca foi entendida pela crítica francesa, que tem a sua metafísica própria, e uma ideia feita sobre o que deva ser a metafísica germânica. O estilo francês sàbiamente mundano des-

«Bauhauss» desfeita pelo hitlerianismo cerca de 1934.

É verdade também que a prodigiosa obra da «Bauhaus» nunca foi entendida pela crítica francesa, que tem a sua metafísica própria, e uma ideia feita sobre o que deva ser a metafísica germânica. O estilo francês sàbiamente mundano des-

de o século XVIII, e por isso incapaz de criar hoje um estilo actual e real, não pode perdoar o aparecimento de um outro, e sobretudo quando ele é criado experimentalmente, num tipo de investigação laboratorial, como aconteceu entre na «Bauhaus» de Weimar e de Dessau, e hoje acontece em Ulm.

Não quero dizer com isto (e até porque me faltam informações, e, em suma, ainda não pude ir a Ulm ver o que lá se passa, com os olhos da cara, que não os únicos que me consêm) que o movimento estilístico que se desenvolve em torno das teorias de Max bill seja capaz de propor o estilo que de todo em todo nos falta. Quanto muito, posso perguntar se, na crise mitológica que atravessamos, o estilos concretista poderá ser mais que uma esquematização dentro da inflação de poética que nos está a acontecer também. E dizer que o concretismo, descendendo do neo-plasticismo e do dinamismo futurista, com horrorizada exclusão das estéticas do imaginário depois aparecidas, nada tem que ver com mitícas e mitologia e é a margem delas que idealisticamente terá de propor o seu estilos. Que um estilos assim conce-

bido não seja realmente, não possa ser, um estilos, é uma questão de ponto de vista — e se me concederem que o meu é coerente, ninguém duvidará também da coerência do ponto de vista bilteano.

Admitamos pois que, ilusòriamente embora, o concretismo propõe um estilos — e ele está bem presente nesta unidade das formas expressivas que pretende e teorias: das artes do espaço e das artes do tempo, da pintura-escultura-arquitectura, da música e da poesia. Todas estas formas se organizam sob uma mesma exigência dupla de dinamismo temporal e de auto-significação absoluta, extremando assim, de certo modo, as conclusões positivas do «estilotheorien» (teoria da forma, da organização).

O dinamismo que se mostra (e os

(Continua na página 22)

DOMINGO

Quando na Terra abre a luz de domingo, nasce um dia morno e silencioso. Não sei fugir à pressão que exerce sobre os meus nervos a solidão arrastada pelas suas horas.

O meu ser físico torna-se abandonado e quebradiço, a minha alma fica presa de lembranças que já nem podem tomar corpo! Definem-se desejos, alarga-se o âmbito de sentimentos afectivos; choca-se o desespero e a resignação; implora-se sem saber o quê; abrem-se as mãos cansadas de não encontrar!

Isolamento estimulante de sentimentos adormecidos, de queixas e dores quase esquecidas!

Queimadas, vão caindo as folhas amarelecidas das árvores, como pedaços de sol que tombassem a meus pés!

Detenho, uns momentos, o caminho do meu pensamento: as folhas caem. mas lá no alto da árvore, no lugar desocupado, aparecem folhas frescas, de um verde tenro. Também aquelas tombarão e outras ocuparão o seu lugar. Terá sido a Natureza!

Cerro os olhos. Pousa e meu lado um anjo de asas verdes. Eu sei que, se abrir os olhos, não o vejo, e, no entanto. sinto-o, e sei que as suas asas são da cor do mar em que se move. Porque vem junto de mim? Atraiu-o a melancolia da minha alma, ou sentiu, como eu, a solidão desse dia?

De súbito. um silvo rasgou o silêncio. Descerro os olhos: desaparece o Anjo, e a mesa pés jaz um pequenino ser que arfa em silêncio. Curvo-me sobre ele: é uma ave implume que saiu do ninho. Tem os olhos cerrados como quem medita na própria dor. O seu peito ao mal contém a respiração. Não lhe toce. Tenho medo da morte, e o passarinho vai morrer. Será ele o seu Anjo, e mesmo pés? Quem tem os olhos cerrados todo pode imaginar. Os pássaros devem saber do Anjo, porque rogam as mesmas com a ponta das asas e trazem os olhos cheios de céu.

A luz vai-se apagando; está a terminar o meu domingo.

Chileiam os pardais sobre os ramos das árvores. Alguns não são nos nos minhos, alguém de menos nas casas...

A noite apagou o meu domingo!

RACHEL BASTOS

A PROPÓSITO DE UMA ARTE E UM PENSAMENTO PORTUGUESES

Ligada à questão do particular e do geral, tem surgido na nossa Imprensa uma jerufiante excitação a respeito de nacionalismo e universalismo. Há supostos entendimentos que amaçam vir, entendimentos vesus suns que supõem digladiar-se, entendimentos básicos mostrus que julgam haver descoberto um mistério. Mistério ao nosso lado, na barafunda de rápidas esgrimas, sobressaltam-nos palavras como existencialismo, romantismo, idealismo, positivismo. Não me vou referir a quantos tecem a doutrinação sobre. Por hoje, limitar-me-ei, por exemplo, a um comentário do crítico presencista João Gaspar Simões. Expende ele o seguinte arrazoado:

«Sem todavia as literaturas gozam do mesmo grau de autonomia ou de nacionalidade. As culturas são vasos comunicantes e o que sucede pelo qual há irradiação dum foco de cultura é que determina as correntes literárias colectivas nesta ou naquela nação. Não houve nenhum movimento literário que fosse influenciado por Portugal. Temos uma língua nossa. Essa língua determinou as bases de uma literatura nacional com características inconfundíveis. Não basta, porém, para nos proclamarmos emancipados de influências e prontos a ser faktore de cultura.»

Prossegue na argumentação:

«Se a nossa cultura presente não sofre confronto e nada prezamos do estrangeiro, basta apresentar o exemplo máximo do nosso pensamento, da nossa literatura e da nossa arte superiores: a demonstração é pleonástica.»

E conclui:

«O que há de nacional na cultura é filho da inevitável estreiteza da condição humana. Só o universal é uma conquista positiva da inteligência e do valor; o nacional é um elemento dado, um factor passivo. Superá-lo ou transcendê-lo, sem o perder de vista, eis o escopo final de toda a arte, de toda a literatura e de todo o pensamento realmente digno desse nome.»

Ora a mim parece-me que há erro em opor, neste termo, o nacional e o universal. As nações não

Por
GOULART NOGUEIRA

são realidades que se oponham, agridam e contradigam. Na nacional está o universal. O que não pode é ignorar-se tanto, é o nacional alheio. As obras portuguesas podem ser universais, devem ser universais, têm de ser universais, não podem ser francesas, por exemplo. Desnacionalizar é descaracterizar-se e enfraquecer: perda de universalismo. Mas unidas: cada nação tem, além de outras, verdades e emoções próprias que são aplicáveis em determinado tempo ou em determinado espaço. Precisará o mundo, agora, ouvir-nos, mentalmente, da mensagem de Portugal? Seria chegada a Hora Portuguesa? A necessidade responderá a esta a a atenção? Não me interessa nesta altura discuti-lo. Mas há ou-

tras coisas de importância. Se nos reduzimos a amantes, discípulos e cultores das obras estrangeiras, veneramo-las e pomo-nos a imitá-las. Situando-nos a elas, refassando-nos da sua maneira, tomando-lhe

(Continua na pág. 22)

EVOCAÇÃO
DE AFONSO LOPES VIEIRA

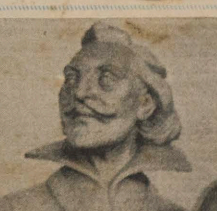
O escritor Luís Forjaz Trigueiros proferiu, na Radiotelevisão Portuguesa, integrada na rúbrica «Escritores Portugueses», dos seus programas culturais, uma palestra a que chamou «Evocação de Afonso Lopes Vieira».

AFONSO LOPES VIEIRA
(Barraca de Columbano)

Ao terminar, depois de se ter referido a algumas das facetas mais representativas da vida e obra daquele poeta e prosador, Luís Forjaz Trigueiros afirmou:

(Continua na pág. 22)

POR
JOSÉ AUGUSTO FRANÇA



Busto do Poeta Brás Garcia de Mascarenhas autor do poema «Viriato Trágico» que vai ser colocado em Avô, sua terra natal. O autor do busto é o escultor Aurélio Lima

DOIS LIVROS
DE GONZAGUE DE REYNOLD

Gonzague de Reynold, escritor suiço que ganhou o prémio Camões do S. N. I., publicou quase simultâneamente dois livros: «Chant d'une vie» antologia de poemas e «Le Toit Chrétien», sétimo e último volume do seu trabalho «Formation de l'Europe».

Instituto Camões